



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16537 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

INFÂNCIAS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS: INTERFACES ENTRE CULTURAS DA INFÂNCIA E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jamille Pereira Pimentel dos Santos - UFBA-MPED – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INFÂNCIAS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS: INTERFACES ENTRE CULTURAS DA INFÂNCIA E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente texto apresenta recortes de uma pesquisa de doutorado em andamento, que tem como objetivo geral compreender as culturas da infância de crianças quilombolas de uma comunidade situada no Território de Identidade Sertão Produtivo/Ba, de modo a estabelecer interfaces entre suas experiências narrativas e o currículo de uma escola de Educação Infantil.

O interesse em realizar a investigação surge porque a pesquisadora trabalha numa escola municipal de Guanambi/Ba, onde são atendidas crianças quilombolas que frequentam pré-escola, crianças essas oriundas de várias comunidades camponesas e quilombolas dos arredores, aspecto que permite um intercâmbio de experiências sociais, educativas e culturais. Nesse contexto, observa-se a ausência de um currículo que dialoga com os saberes dessas crianças, o que restringe as possibilidades de ampliação e significação desses saberes e, pelo contrário, aponta para a valorização de uma cultura eurocêntrica e urbanocêntrica, em detrimento dos saberes culturais desses povos. Em pesquisa exploratória no banco de dados dos GT07 e GT 21 da ANPEd, verificou-se que existem quatro trabalhos publicados entre os anos de 2012 e 2023 que dialogam com a temática das infâncias e crianças quilombolas (FERNANDES 2012; AQUINO; CRUZ, 2019, 2021; CASTRO, MACÊDO, 2021). Em conjunto, eles evidenciam que há uma invisibilidade sobre essa temática e anunciam que as escolas investigadas não dialogam com a educação que se pratica no chão dos quilombos. O que há, ao contrário, é o trabalho com currículos eurocentrados, que desconsideram as diferenças étnico-raciais e minimizam a potência das experiências infantis, distanciando as crianças dos repertórios culturais próprios de suas comunidades, o que colabora para que as culturas das infâncias quilombolas sejam, aos poucos, substituídas.

Esse cenário que se descortina é marcado pelo que Nilma Lino Gomes (2017) denomina como “pedagogia das ausências”. Para ela, os saberes empíricos, ditos universais, das ciências modernas, têm silenciado culturas e povos tradicionais que produzem outros modos de vida, outras cosmologias. Desse modo, se torna central discutir a importância de se pensar nas ausências das produções sociais e alternativas não hegemônicas, pois a pedagogia das ausências demarca experiências e sujeitos que foram/são historicamente invisibilizados, a exemplo das mulheres e das crianças, em especial, das crianças negras e quilombolas. Logo, se torna relevante refletir sobre práticas e estratégias de invisibilidade social nas produções científicas e discutir sobre como essa ciência moderna produziu e ainda produz, conscientemente, essas ausências.

Portanto, ao buscar promover interfaces entre as narrativas das crianças quilombolas e o currículo praticado numa escola de Educação Infantil, a pesquisa que ora se apresenta se coloca na contramão das ausências, pois se ancora nos pressupostos da "pedagogia das emergências", uma vez que discute alternativas e epistemologias outras, que visam a emancipação social, a partir do diálogo com as ausências. Neste sentido, realizar pesquisas *com crianças quilombolas* é um caminho de diálogo com as emergências.

Sabe-se que o interesse por estudar as crianças e a infância é recente. Historicamente, essa categoria geracional sempre foi marcada pela invisibilidade. A literatura científica evidencia que elas sempre foram descritas a partir de uma perspectiva adultocêntrica, que as enquadravam no lugar da incompletude, da transitoriedade, da dependência, da imaturidade, da falta de voz.

Segundo Jens Qvortup (2010), até meados do século XX poucos foram os estudos que abordavam a infância nas grandes correntes da sociologia. Os que existiam, tinham como característica o uso de um repertório conceitual que discorria sobre a necessidade de integrá-las à sociedade adulta.

Assim, fazia-se necessário constituir epistemologias e metodologias capazes de captar o olhar, os sentidos e significados construídos pelas crianças na interação com e na cultura, a par disso, era necessário também romper com a perspectiva de realizar pesquisas *sobre* e ir ao encontro de pesquisas *com*.

Nesse contexto, os/as estudiosos/as começam a conduzir investigações pautadas numa representação de criança e de infância a partir de elementos étnicos, sociais, etários, de gênero, de classe social, de religião, de cultura, de condição, ou seja, elementos macro e microestruturais. Uma vez que passaram a compreender que as crianças são seres sociais imensos num universo cultural amplo e, ao mesmo tempo que reproduz, também produz cultura, significando e ressignificando o mundo.

Pautados nessas e noutras concepções, a infância passou a ser compreendida numa perspectiva estrutural (QVORTUP, 2010). Portanto, conceituada como uma categoria geracional que foi/é habitada por todos os seres humanos nos primeiros anos de vida, todavia,

o modo como cada um vive sua infância é singular, haja vista que cada uma delas é marcada por experiências vinculadas ao lugar, ao tempo, à realidade histórica, social e econômica, à cultura, tradição, costumes etc. Assim, criança não é sinônimo de infância e vice e versa. A infância é um lugar vivido pelas crianças, mas como cada uma a vive e a experimenta, é algo absolutamente distinto.

A partir desses apontamentos, percebe-se a relevância da presente investigação, uma vez que ela busca compreender as culturas da infância de crianças que habitam um lugar de invisibilidade histórica, social e cultural. São crianças que possuem voz e fala, mas rotineiramente, não são ouvidas. São crianças que carregam o peso de estigmas vinculados à origem, à cor da pele, à identidade, em suma, ao legado afro-brasileiro na diáspora.

Em suma, elas são seres sociais que passam pela infância na condição de crianças pretas, quilombolas, pertencentes às camadas populares, camponesas, frequentadoras de escolas públicas, que vivem no interior do Brasil, na região Nordeste, no sertão da Bahia. Desse modo, intenta-se compreender as infâncias vividas por essas crianças. "A sociologia da infância [...] recusa uma concepção uniformizadora da infância", todavia, vale ressaltar que "esta deve ser considerada, no plano analítico, também nos fatores de homogeneidade, como uma categoria social do tipo geracional própria" (SARMENTO, 2005, p. 371).

Portanto, faz-se necessário considerar a pluralidade das condições de existência das crianças, logo, é imprescindível adotar uma escuta sensível sobre a percepção que elas têm acerca de suas vidas. São elas e somente elas que podem dizer quais as suas culturas de infância, os seus modos de vida, as suas percepções sobre si, sobre o mundo, sobre sua comunidade e sobre a escola.

Abramowicz (2018, p.375) pontua que são muitas as dificuldades em realizar pesquisas com crianças, porque a criança é presente, é contemporânea. Ao nascer, ela vivencia um tempo que não é mais vivenciado por outra, pois a criança vive um espaço temporal que não é mais vivido por nós adultos, espaço esse desconhecido, e "é por isso que em nossas pesquisas queremos o ponto de vista da criança, pois não temos mais essa possibilidade no presente". Segundo ela, a criança carrega em si três dimensões: do presente em que ela vive, do passado, pois ao nascer ela é inscrita numa história que já conhecemos e do devir, porque ela também é futuro.

Portanto, sabe-se que a escola não está preparada para ouvir, visibilizar e acolher os saberes dessa criança que possui *autoria social* e *protagonismo*. À vista disso, faz-se importante adotar uma postura metodológica de pesquisar *com as crianças*, escutá-las de modo sensível (Freire, 1996), pois só assim se compreende as dimensões do ser criança na contemporaneidade. Pesquisar a infância e as crianças demanda conhecer de onde elas vêm, os que elas sabem, o que elas querem, o que elas são, quais suas experiências originárias.

O ponto inicial desta pesquisa tem como base a concepção de criança compreendida como *rica, ativa, curiosa, competente*, que reivindica o lugar e o centro da prática

pedagógica. E essa concepção se guia pelos postulados teóricos da Pedagogia da Infância em interlocução com a Sociologia da Infância.

Nessas concepções, a criança não está só, mas em constante interação com seus pares, em diálogo com os adultos, as materialidades e o mundo que as circunda. A criança é um ser social, de linguagem e intersubjetivo, que produz sentido nas relações que estabelecem entre si e a sociedade. Essa criança, enquanto protagonista, interage com o meio que a envolve para construir conhecimentos pautados nos seus centros de interesses, nos saberes culturais e tecnológicos diversos. Sua potência infantil não coaduna com a ideia de uma criança *folha branca*, cujos resquícios vêm de uma educação transmissiva, bancária, que transmite conteúdos sem levar em consideração a relação que a criança estabelece com seu meio e com seus pares.

A história social da infância (ARIÉS, 1986; DEL PRIORE, 2010) diz que os termos criança e infância são construções sociais. Tentar universalizar esse conceito incorre no erro de defender uma única essência do ser infantil, com comportamento padrões e lineares, típicos do pensamento teórico da psicologia desenvolvimentista tradicional. Ademais, a busca pela universalidade, além de perseguir um padrão de normalidade, busca uma homogeneização de crianças e infâncias que, além de ser irreal, culmina na supervalorização de crianças brancas, da classe média, moradoras dos centros urbanos e, conseqüentemente, subjuga as crianças negras, pertencentes às classes populares, sertanejas, quilombolas e camponesas.

Para as crianças quilombolas que residem em comunidades camponesas, há uma interdependência entre os seres humanos e a natureza, entre a terra e a territorialidade, há um bem-viver cultuado pela vida comunitária, pois desde cedo elas participam ativamente da vida comunitária, brincam, se divertem, ouvem conselhos, ajudam os adultos no desempenho de algumas funções domésticas e desbravam seus *quintais brincantes*, seus *terreiros* sem cercas, onde a vida comunal se cria e se estabelece. Portanto, é um modo de vida que possui rotinas, experiências, narrativas, éticas e estéticas próprias dos seus contextos socioculturais.

Assim, o que movimenta a pesquisa é a possibilidade de buscar caminhos para que este potencial cultural e narrativo e estas manifestações da subjetividade não caiam no esquecimento e continuem se tornando invisíveis. Assim como Paulo Freire (2022) salienta, como avançar para uma escuta atenta, que está além da capacidade auditiva, que seja uma condição de acolher, escutar paciente, que perpassa o *falar com e não para* que respeite a diferença e o modo de ver de cada criança? Como reaprender a ver a criança como sujeito social e de linguagem em constante relação com o meio natural no qual ela se insere?

A partir desses apontamentos teóricos, o desafio que recai sobre as escolas é justamente o de não promover modos de aculturação, não promover uma versão hegemônica e universal de infância que se sustenta em brincadeiras e brinquedos

mercadológicos, em referenciais estéticos e corporais eurocentrados, que substitui as brincadeiras, as narrativas, as histórias e memórias dos povos tradicionais brasileiros por um referencial lúdico e narrativo *disneyrizado*, que ensina às crianças, desde cedo, a esconderem as suas raízes étnicas e culturais (CASTRO, 2020).

Outro desafio refere-se à necessidade de promover interfaces entre as culturas da infância de crianças quilombolas e suas experiências narrativas ao currículo da escola. Em vista disso, as novas Pedagogias da Infância se aliam às *pedagogias do cotidiano* para produzir um saber que centraliza a criança no processo educativo, reposiciona adultos e crianças, recolocando as últimas no centro do currículo.

Sob essa perspectiva, define-se que um dos principais enfrentamentos da tese será o de estudar, compreender e aprofundar a concepção de *narrativas do cotidiano* enquanto um conceito teórico-metodológico. Esse conceito tem como base os estudos críticos da cultura e as Pedagogias da Infância. Essa Pedagogia evidencia que é no cotidiano das escolas e nas crianças que está o *conteúdo* que deve compor o currículo.

O cotidiano de uma escola de infância é vivo, rico, potente. Para Carvalho e Fochi (2017, p.15) o cotidiano escolar é

[...] um catalizador das experiências de aprendizagem vivenciadas pelas crianças diariamente nas instituições. Isso porque, nas situações ordinárias da vida, no cotidiano, ocorrem aprendizagens que servem de vias de acesso para a compreensão dos funcionamentos sociais que são construídos e que constroem a relação das crianças com o mundo.

Segundo os autores, o cotidiano rompe “os muros que separam a cultura da infância dos discursos pedagógicos” (CARVALHO; FOCHI, 2017, p.25). Essa Pedagogia acontece na vida diária da escola, nas interações, nas brincadeiras, nas atividades individuais e coletivas, nos momentos de cuidado e atenção pessoal, no momento do parque, nas chegadas e despedidas, ou seja, nessa grande miríade de experiências que perpassa o cotidiano institucional. Daí a importância de narrar esse cotidiano.

Portanto, a presente pesquisa, caracteriza-se por ser uma investigação qualitativa em Educação (Minayo, 2004) que se ancora no método da etnografia e utiliza para produção de dados a observação participante, o diário de campo, produção de documentação pedagógica contendo narrativas do cotidiano e grupos de discussões. Esse caminho metodológico busca promover três vertentes de diálogo indissociáveis: observar as crianças em atuação no e com o mundo, narrar suas vivências, seus conhecimentos/saberes, encontros e desencontros para, a partir disso, analisar e interpretar esse material no intuito de promover com as/os docentes uma atitude de aprendizagem contínua e mútua.

O intento é realizar uma etnografia longitudinal para documentar a participação das crianças no ambiente institucional da escola, com enfoque nas suas narrativas, nas relações que elas estabelecem entre pares e com o mundo que as circundam, produzindo documentação pedagógica (Fochi, 2019). Para tanto, faz-se necessário conviver com as

crianças e *narrar os seus cotidianos escolares* a partir de múltiplos registros: fotografias, filmagens, áudios, desenhos e narrativas do cotidiano. Dito de outro modo, será construída uma memória documentativa, um testemunho vivo, que credite às crianças um lugar de destaque, que as retire do anonimato, da inaudição.

A partir desse material que será tecido e construído nas relações, serão organizados grupos de discussões com as/os docentes da escola para apresentar esse rico capital narrativo. Esses grupos têm o intuito de promover reflexão sobre o currículo, o cotidiano, as pedagogias da infância, o fazer docente e as crianças, na busca de promover possibilidades de interfaces desses saberes com os saberes da escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 2, p. 371-383, jul.- dez. 2018, São Carlos. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.064>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AQUINO, Pedro Neto Oliveira de Aquino; CRUZ, Silvia Helena Vieira. A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas. In: 39ª Reunião Nacional da ANPEd. **Anais [...] out 2019**. Disponível em: < http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_10_4.>. Acesso em: 04 jul. 2023.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CASTRO, Susane Martins da Silva; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. Educação das relações étnico-raciais e repertórios culturais da infância quilombola. In: **40ª Reunião Nacional da ANPEd**. Anais [...] set-out, 2021. Disponível em: < http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_34_15.>. Acesso em: 04 jul. 2023.

CASTRO, Suzane Martins da Silva. **Currículo e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: um olhar sobre as culturas da infância quilombola**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação. Vitória da Conquista, 2021.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. IN: CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio. Pedagogia do cotidiano na (e da) Educação Infantil. **Em Aberto**, Brasília, v.30, n° 100, set- dez, 2017. p. 23-42.

CORSARO, Willian A.; MOLINARI Luisa. Entrando e Observando nos Mundos da Criança: uma reflexão sobre a etnografia longitudinal da Educação de infância em Itália. IN: Christensen, Pia; JAMES, Alison (Org.). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005, p. 191-213.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; AQUINO, Pedro Neto Oliveira de Aquino. A construção da identidade étnico-racial em crianças negras: relações entre professora e crianças em uma creche de uma comunidade de remanescentes quilombolas. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd. **Anais [...] set-out, 2021**. Disponível em: <

http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_25_10.>. Acesso em: 25 mai. 2023.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala** : a escuta de crianças em pesquisas. CRUZ, Silvia Helena Vieira (org). São Paulo: Cortez, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. A-ian-madê? Processo educacional de crianças quilombolas na escola da cidade. *In*: 35ª Reunião Anual da ANPED. **Anais [...]** out. 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2540_int.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2023.

FOCHI, Paulo Sérgio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do observatório da cultura infantil – OBECI. 2019. 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREIRE, Madalena. **Educando o olhar da observação** – Aprendizagem do olhar. In: FREIRE, Madalena (Org.). **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 74ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da infância**. Dialogando com o passado. Construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010, São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQVvk9wZS3Pf/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília**: escutar, investigar e aprender. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças quilombolas. Culturas da Infância. Currículo. Educação Infantil.